

*Frontispiece.*



*What is Man  
The Sun's Light when he unfolds it . . .  
Depends on the Organ that beholds it  
Published by WBlake 17 May 1793*

"Our children's children will hear a good story."

Richard Adams, *Watership Down*

Ao reflectir sobre a Literatura Infantil uma das múltiplas questões que se põem é a do motivo porque certos temas e abordagens são populares para as crianças e outros não. Como se explica a atracção exercida por determinados livros e a preferência dos jovens leitores por certos tipos de literatura? Será que eventualmente há uniformidade naquilo que melhor capta e excita a sua imaginação e na forma como as crianças reagem a certas histórias?

Uma das respostas poderia ser que há padrões recorrentes e previsíveis nas necessidades e interesses imaginativos das crianças e que há autores que possuem capacidades para responderem a esses interesses recorrendo a enredos que se podem considerar arquetípicos. Por outro lado, poderia também afirmar-se que há semelhanças nas reacções a certos aspectos da literatura e que os seres humanos parecem responder ao mesmo tipo de fantasias de que se encontram ecos na literatura em geral em todo o mundo.

Porém, no âmbito da literatura infantil, põe-se ainda a questão da eventual influência dos adultos e do tipo de literatura que tem agradado sempre às crianças apesar mesmo, por vezes, do desacordo dos adultos. Com efeito, nos últimos cem anos, a literatura infantil tem-se vindo a libertar do seu papel semi pedagógico e começou a verificar-se que muitas vezes as crianças apreciam livros que os adultos não aprovam. Um exemplo disso é o facto de, apesar de as obras de Enid Blyton terem sido banidas de muitas bibliotecas infantis em Inglaterra,

os livros desta autora continuarem a ser populares e a serem reeditados provando que são comprados pelas crianças que os apreciam.

Este aspecto da questão está relacionado com a distinção entre literatura para adultos e literatura infantil havendo uma teoria recente que afirma que essa distinção é artificial. Esta seria a explicação para o facto de haver tantas obras originalmente escritas para adultos que são lidas com gosto pelas crianças, como sucede na literatura inglesa entre outros com *Christmas Books* de Dickens, *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe, *Gulliver's Travels* de Jonathan Swift, *Alice in Wonderland* de Lewis Carroll e *The Lord of the Rings* de Tolkien.

Poderá também pensar-se que, embora haja um terreno comum, há, de facto, diferenças bem distintas entre os dois tipos de literatura. Essas diferenças estariam relacionadas sobretudo com o gosto literário, preferindo as crianças assuntos mais concretos e com ênfase na acção. Por outro lado, as mais jovens não apreciariam a ambiguidade nas narrativas que lhes são destinadas sendo os seus julgamentos morais muito simples, não entendendo a ironia e revelando preferência por um final feliz. Têm também, segundo Piaget, uma noção de "justiça imanente" em que tudo se processa de acordo com uma lei moral que recompensa os bons e castiga os maus.

A este propósito é de reflectir ainda na noção de *best seller* e no facto de que, se os *best sellers* de uma época continuam a ser apreciados e vendidos posteriormente, eles decerto devem ter um tipo de características que implica que a sua popularidade transcenda as tendências temporárias. Aliás, os autores parecem ter noções claras sobre estes assuntos e sobre o tipo de histórias que irão prender a atenção das crianças, como se comprova com os sucessos obtidos por escritores que normalmente escrevem para adultos e decidem escrever uma história infantil. Foi este o caso, entre outros, de Walter Scott, com *Tales of a Grandfather*, contos escritos para os netos; de Ian Flemming

com *Chitty-Chitty-Bang-Bang*; de Richard Adams, com *Watership Down*, um dos maiores *best sellers* mundiais, que resultou de uma história que ele tinha inventado para os filhos durante uma longa viagem de automóvel, ou de André Maurois com a sua conhecida obra *Le Pays de Trente-six Mille Volontés*, escrita em 1930 para os filhos.

Este é um tópico que creio ser de interesse para todos os estudiosos de literatura infantil. Refiro-me ao facto de muitos dos chamados Homens de Letras, que geralmente escrevem para adultos terem persuadido as suas musas a dedicar algum tempo às crianças. Para além da questão de se analisar o interesse de algo que muitas vezes tem a característica de uma incursão momentânea num campo literário diferente, penso que os textos destes escritores canónicos ou clássicos são extremamente importantes pois pode considerar-se que eles vêm dar um nível artístico mais elevado à literatura infantil. Constituem, pois, uma influência muito necessária e que nunca será demasiada tanto mais que entre os autores que ocasionalmente produziram um poema ou uma história para crianças se encontram nomes como os de Goethe, Pessoa, Stevenson, Mark Twain, Thomas Mann e, mais recentemente, T. S. Eliot com o seu famoso *Old Possum's Book of Practical Cats*, publicado em 1939 e que viria a ser aproveitado para o conhecido *musical* intitulado *Cats*.

No âmbito da literatura escrita para crianças, outra das questões que se põem é a da aquisição de vocabulário. Ao pensarmos na forma como as crianças aprendem as palavras, verificamos que primeiro o fazem oralmente e que posteriormente, por efeito da leitura, na escola começam a ver palavras escritas que não conhecem e aprendem-nas através da leitura. Conclui-se assim que a melhor maneira para facilitar o aumento de vocabulário das crianças em idade escolar é fazê-las ler e que quanto mais lerem melhor será o seu domínio da língua. A forma que parece mais eficaz para aprender palavras novas será pois lê-las em contexto em grandes quantidades.

Segundo Nicholas Tucker, autor de *The Child and the Book – A Psychological and Literary Exploration* (1981), ao contrário do que por vezes se afirma, as crianças não preferem que as histórias sejam contadas numa linguagem simples e directa pois são sensíveis ao som e aos tons das palavras. Interessam-se pelo mistério das palavras desconhecidas desde que as considerem ‘bonitas’ e reagem imaginativamente ao seu som. Na opinião da famosa autora de livros infantis Beatrix Potter, desde que o contexto geral seja claro, uma palavra ou uma frase expressiva, embora seja nova ou desconhecida das crianças, dá vida a um vocabulário básico e as crianças gostam de as encontrar. A estratégia fundamental de aprendizagem é tentar construir uma interpretação específica da fala que se coadune com a interpretação global da situação comunicativa em que essa fala ocorre.

Estudos de psicologia cognitiva, como o de George Miller intitulado *How School Children Learn Words* (1986) provam que as palavras são aprendidas por serem encontradas repetidamente em contextos plausíveis quando as crianças lêem. Demonstram também que as crianças aprendem muito depressa, calculando-se que seja cerca de treze palavras novas por dia, podendo deste modo um aluno do ensino secundário de dezasseis anos dominar 80.000 palavras. Esta é a explicação para o facto de, ao fim de 3 anos, as crianças normalmente dominarem a estrutura básica da língua materna. Conclui-se que uma criança que passasse 50 minutos todos os dias a ler na escola cerca de 200 palavras/minuto teria ao fim de um ano lectivo lido 1.000.000 palavras. As crianças aprendem palavras novas através de contextos linguísticos de uso, através dos contextos que lhes são dados pelas páginas escritas e através da interacção pessoal.

O famoso filósofo inglês John Locke, que, em 1693, escreveu um tratado sobre aspectos da educação das crianças intitulado *Some Thoughts Concerning Education*, influenciou muitos escritores de literatura infantil devido à sua ideia de

que a instrução deveria ser combinada com o entretenimento. Segundo Locke, as crianças aprendem mais depressa quando se estão simultaneamente a divertir. Locke, que se pode considerar o fundador da escola empírica na filosofia inglesa, achava que as crianças deviam aprender a ler logo que sabiam falar e que, uma vez que soubessem ler, lhes deveriam ser dados livros que fossem de leitura agradável e adaptados às suas capacidades. As obras que recomendava por pensar que tinham estas características eram o *Livro das Fábulas* de Esopo que, segundo Locke, deveria ter ilustrações a fim de divertir as crianças e de as encorajar a ler, e *Reynard the Fox* que, na sua opinião, eram histórias capazes de deliciar e entreter uma criança mas que contudo, podiam proporcionar reflexões úteis a um adulto. Por outro lado, curiosamente, recomenda *Reynard the Fox* como o livro mais adaptado para as crianças mais pequenas.

Estas afirmações de Locke levam-nos a reflectir um pouco sobre o gosto das crianças pelas fábulas que na sua maioria tiveram uma origem oriental. Uma fábula é uma narrativa fictícia sendo o termo especialmente usado para histórias nas quais os animais ou objectos inanimados são os protagonistas. Tal como nas parábolas ou nas alegorias há um significado oculto sob a ‘superfície’ da fábula e da história e a intenção é, geralmente, fazer um comentário, muitas vezes satírico sobre a conduta humana. Com esse objectivo, são atribuídos aos animais os hábitos e os poderes de raciocínio dos Homens. A tradição das fábulas, na cultura ocidental, data de Esopo, o escravo frígio do século VI a.C., cujas fábulas, embora amplamente transmitidas em forma escrita, também foram absorvidas no folclore e eram conhecidas como histórias tradicionais. O *Livro das Fábulas*, que data da Antiguidade, com o tempo, transformou-se num livro de leitura familiar e conseqüentemente num livro para crianças. A rapsódia de fábulas, como era também denominado, teve em Inglaterra edições ilustradas de luxo destinadas a serem oferecidas como presentes. Esta escolha ficou a dever-se sobre-

tudo ao facto de versões gregas e latinas da obra serem utilizadas nas escolas para a aprendizagem da gramática e da sintaxe.

Na Índia, a conhecida colecção *Panchatranta*, que data do século VI a.C., também incluía muitas fábulas que gradualmente foram integradas na literatura e no folclore europeus.

Uma das evoluções mais tardias das fábulas foram os bestiários medievais. O Bestiário era muito corrente na Europa medieval e teve várias versões. As suas origens remontam ao poema latino *Ysengrimus*, que relata a inimizade existente entre a Raposa e o Lobo. A já referida *Historye of Reynart the Fox*, cuja primeira versão impressa inglesa data de 1481, deriva de um texto holandês escrito cerca de 1250 pelos poetas Arnout e Wilhem e traduzido do romance francês do século XII *Roman du Renard*. O leão "nobre rei dos animais" reúne a sua corte e ouve acusações contra a Raposa. Nem Bruin, o urso, nem Tybert, o gato, conseguem trazer Reynard à presença do Rei. Apenas Grimbert, o castor, o faz. Reynard é julgada e condenada à morte mas, devido à sua habilidade e a uma partida que faz, consegue obter o perdão. Após ter escapado, a sua traição é descoberta e volta a pregar partidas que levam a que seja de novo julgada mas a matreira ilude mais uma vez a justiça e a história termina com a raposa saindo do tribunal em triunfo.

No século XVII, La Fontaine compôs fábulas que se tornaram quase tão conhecidas como as de Esopo. Outros fabulistas famosos nos séculos XVII, XVIII e XIX foram os ingleses Roger L'Estrange, com as suas *Fables of Aesop*, de 1692, John Gay, autor de *Fables of Mr Gay*, e William Godwin, que, em 1805, publicou as conhecidas *Fables Ancient and Modern* e o Russo Ivan Krylov, escreveu a sua colecção intitulada *Fábulas* em 1809. Em 1794, Goethe escreveu uma versão moderna intitulada *Reinecke Fuchs* que desde então tem sido uma obra favorita das crianças. Entre nós, foi Aquilino Ribeiro que se sentiu atraído pelo tema ao escrever o seu conhecido *Romance da Raposa*.

Na América do Norte, foi Joel Chandler Harris (que tinha oito filhos) quem, em 1881, colecionou e publicou um conjunto de fábulas pertencentes ao folclore das plantações do Sul, e que intitulou *Uncle Remus, His Songs and his Sayings* e que viriam a ser um marco na literatura infantil americana. Tal como acontece entre nós com o *Romance da Raposa* de Aquilino Ribeiro, além da simplicidade original das histórias, o autor fez questão de as relatar no dialecto difícil dos negros da Geórgia, que ele tinha estudado a fundo. Foi através deste meio que elas passaram a fazer parte da história quotidiana de praticamente todas as famílias do Sul dos Estados Unidos. O herói da maior parte das fábulas é o popular coelho Brer Rabbit e o seu tema recorrente são as tentativas sempre frustradas da raposa Brer Fox para o apanhar. Também em relação à grande popularidade das obras de Harris se comprova que, tal como afirmava Beatrix Potter e o nosso Mestre Aquilino, ao contrário do que seria de esperar a estranheza da linguagem dialectal utilizada, em vez de afastar as crianças devido à dificuldade acrescentada da leitura, parece pelo contrário atrai-las.

As crianças identificam-se com os animais heróis das histórias e os animais humanizados dão aos autores mais liberdade imaginativa colocando-os em situações extremas. Os animais falantes são muito populares por ser desse modo que as crianças geralmente os imaginam.

Vivemos numa época em que se escreve e fala mais de literatura infantil do que em qualquer outro período da nossa história. Escrevem-se livros sobre o assunto, há cursos, conferências e encontros em que a literatura infantil é dissecada e analisada. Existem sociedades e organizações para a promover assim como revistas especializadas. No mercado literário, a venda dos livros infantis aumentou consideravelmente. Parece que finalmente este tipo de literatura começa a ser levada a sério e a ter mesmo estatuto de tema susceptível de ser estudado a nível universitário. Há mesmo quem pense e afirme que há

livros infantis em excesso e que as nossas crianças – ao contrário do que sucedeu connosco – podem vir a sofrer da abundância das publicações. E, contudo, as obras dignas de serem conhecidas intimamente e interiorizadas pelas crianças continuam a ser poucas.

Poder-se-ia concluir daqui que actualmente há uma maior compreensão das crianças e das suas necessidades a nível de leitura e tal conclusão parece permitir-nos vaticinar melhor futuro para a literatura infantil.